

O MAPA DA VULNERABILIDADE

Os países mais vulneráveis aos impactos da mudança do clima, em 2050, sem medidas de adaptação, no cenário A2 (pessimista)



A LÍNGUA DO IPCC

O que os cientistas querem dizer com...

	% DE PROBABILIDADE
Virtualmente certo	99%
Muito provável	90% a 99%
Provável	66% a 90%
Tão provável quanto improvável	33% a 66%
Improvável	10% a 33%
Muito improvável	1% a 10%
Extremamente improvável	menos de 1%

Eliminar pobreza é melhor estratégia, diz vice do IPCC

Para economista, país rico pode reduzir emissões sem perder qualidade de vida

Tecnologia de redução de emissões pode ser criada rápido se governos derem o sinal certo às indústrias, afirma Mohan Munasinghe

DO ENVIADO A BRUXELAS

A melhor estratégia de adaptação às mudanças globais no clima é a redução da pobreza, especialmente nos países africanos. Sem isso, afirma o economista cingalês Mohan Munasinghe, vice-chefe do IPCC, "as pessoas não vão viver o suficiente para sentirem os efeitos das mudanças climáticas".

Em entrevista à **Folha**, concedida na véspera do lançamento do sumário executivo do Grupo de Trabalho 2 do painel do clima, Munasinghe diz que o relatório não é catastrofista e que os países ricos devem tomar a dianteira na redução dos gases-estufa.

Leia a entrevista. (MAC)

*

FOLHA - Qual é a principal mensagem deste relatório para os países pobres?

MOHAN MUNASINGHE - Ela é muito séria: o cinturão tropical, onde estão os países em desenvolvimento, será muito afetado, os países mais pobres sofrerão os piores efeitos e os grupos mais pobres são os mais vulneráveis. Na América Latina há três problemas específicos: a escassez de água é o primeiro. Se a temperatura subir entre 1°C e 2°C, que é o que se prevê para o fim do século, devemos ter 50 milhões de pessoas afetadas pela falta d'água. E isso também tem consequências na produção de comida. Outro é a redução da biodiversidade, principalmente na floresta amazônica. Com um aumento de até 2°C, as árvores serão as principais afetadas. A partir daí, muitos animais serão afetados, porque não conseguem migrar no mesmo ritmo das mudanças climáticas. O terceiro é a perda de geleiras, especialmente na região dos Andes. Esses efeitos têm uma chance alta de acontecer, e, como já há uma quantidade de gases do efeito estufa na atmosfera, mesmo com a parada total das atividades humanas alguns vão acontecer.

FOLHA - O que se deve fazer?
MUNASINGHE - Para os países em desenvolvimento, que já têm problemas sérios de pobreza, a principal prioridade é aumentar a renda da população e a qualidade de vida. Afinal, se não resolvermos os problemas de desenvolvimento hoje — má nutrição, falta de saúde, de ha-

Para países em desenvolvimento, que já têm problemas sérios de pobreza, a prioridade é aumentar a renda da população e a qualidade de vida. Senão (...) as pessoas não vão viver o suficiente para sentir os efeitos das mudanças climáticas

MOHAN MUNASINGHE
economista, vice-chefe do IPCC

bitação — as pessoas não vão viver o suficiente para sentirem os efeitos das mudanças climáticas. E o modo de fazer isso é combinando melhorias de renda e erradicação da pobreza com redução de emissões. Combater as mudanças climáticas e criar estratégias de adaptação a elas não significa que precisamos abrir mão do desenvolvimento.

FOLHA - Como devem ser divididas as responsabilidades sobre a redução de emissões? É cada vez mais consensual que os países pobres deverão também adotar metas.

MUNASINGHE - Os países desenvolvidos têm de mostrar liderança na mitigação das mudanças climáticas. Os países em desenvolvimento têm consciên-

cia e querem contribuir, mas suas emissões per capita são muito pequenas se comparadas com as dos países ricos, e eles precisam aumentar seu uso de energia para crescer, então eles ainda têm um espaço para aumentar suas emissões. Os países desenvolvidos é que precisam reduzir suas emissões, e podem fazer isso sem diminuir a qualidade de vida, há tecnologia para isso. Os países europeus são muito mais sérios nisso do que os EUA, que não aceitam o protocolo de Kyoto.

FOLHA - Qual é a sua opinião sobre o programa brasileiro do álcool?

MUNASINGHE - O etanol não deve ser visto apenas sob a ótica das mudanças climáticas, já que as emissões de carbono são

apenas uma pequena parte da equação. O mais importante do etanol é seu papel na segurança energética, já que a demanda por petróleo segue aumentando e as reservas começaram a declinar. Ele só não serve para países com pouca terra, destinada só à produção de comida.

FOLHA - O resultado do relatório do Grupo de Trabalho 2 é motivo para pânico?

MUNASINGHE - Não será uma apresentação catastrofista. As pessoas verão que as mudanças não vão acontecer da noite para o dia. Até 2030 veremos alguns efeitos modestos, centrados principalmente nos ciclos hidrológicos e no derretimento das geleiras. Até 2050 os efeitos serão maiores e crescem daí por diante, mas nossos poderes de previsão não são tão apurados a partir dessa data. A informação mais dramática é que eventos extremos, como furacões, vão ficar mais comuns.

FOLHA - Ainda há espaço para ceticismo em relação ao aquecimento?

MUNASINGHE - Eu já achava há seis anos, no terceiro relatório, que havia pouco espaço para negação. Com os dois últimos relatórios, eliminamos a possibilidade de negar a influência da ação humana e a relação entre mudanças climáticas e mudanças naturais. O único argumento a que os negadores ainda podem se agarrar é o de que talvez precisemos de mais tempo para a mitigação. Alguns dizem que é muito caro começar esse trabalho agora, que daqui a 20 anos teremos novas tecnologias e poderemos resolver isso muito mais rapidamente. Se sinalizarmos hoje às empresas que estamos falando sério sobre as ações para mitigar as mudanças climáticas, elas desenvolveriam a tecnologia em poucos anos. Se ficarmos divididos, considerando começar a mitigação daqui a 20 anos, as empresas não farão nada.

FOLHA - Quanto o público ainda agüenta ouvir sobre mudança climática? A repetição excessiva da mensagem não pode acabar des-sensibilizando a população?

MUNASINGHE - Como a mudança climática é um fenômeno que se manifesta a longo prazo e os interesses das pessoas são mais imediatos, esse cansaço pode acontecer. Mas o aumento dos eventos climáticos extremos pode mudar isso — um furacão Katrina desperta muita atenção sobre o clima. Não quero dizer que todos os eventos extremos são causados pelas mudanças climáticas, mas esses eventos lembrarão as pessoas, de tempos em tempos, que o problema está lá.

Se sinalizarmos hoje às empresas que estamos falando sério sobre mitigar as mudanças climáticas, elas desenvolveriam a tecnologia em poucos anos. Se ficarmos divididos, considerando começar a mitigação daqui a 20 anos, elas não farão nada

IDEM



Ana Carolina Fernandes - 31.ago.2006/Folha Imagem

Mohan Munasinghe explica o quão dura é a realidade do clima

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é o efeito estufa? O que é aquecimento global?

>> O efeito estufa é o aprisionamento do calor na Terra por uma capa de gases. É um fenômeno natural, mas ficou mais intenso por causa de atividades humanas como a queima de combustíveis fósseis e o desmatamento, que emitem gás carbônico (CO₂). O agravamento do efeito estufa é a principal causa da mudança climática que o planeta sofre, caracterizada pelo aquecimento global e por consequências

O que é o IPCC?

>> O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática) é um comitê de 2.500 cientistas criada pela ONU para avaliar o estado do conhecimento sobre o problema do clima, suas consequências e a melhor forma de lidar com ele. O IPCC não produz pesquisas próprias. Seu trabalho é analisar a literatura científica já existente para emitir um consenso

O IPCC já não tinha divulgado um relatório em fevereiro? Por que outro agora?

>> O relatório de fevereiro, do Grupo de Trabalho 1 do IPCC, se referia a estudos sobre a base física da mudança climática. O relatório publicado ontem, do Grupo de Trabalho 2, trata de impactos do fenômeno sobre o mundo, das formas de se adaptar a eles e dos pontos de vulnerabilidade. Um terceiro relatório, previsto para maio, tratará do problema da redução da emissão de gases-estufa. Ambos integram o Quarto Relatório de Avaliação (AR4) do painel

Por que as estimativas do novo relatório são mais imprecisas?

>> O relatório do grupo 2 lida com mais variáveis que o do grupo 1, que tratou sobretudo de fazer estimativas de aumento de temperatura e elevação do nível do oceano. Para conhecer com precisão o impacto futuro da mudança climática sobre a Amazônia, por exemplo, seria preciso saber quanto desmatamento a ocupação da região causará nas próximas décadas, o que é impossível prever com acurácia

ABOMINÁVEL MUNDO NOVO

Efeitos da mudança climática já serão sentidos antes do fim do século



América do Norte

>> **RESSACAS** e o aumento do nível do mar têm o potencial de prejudicar metrô, túneis, pontes e aeroportos de Nova York

>> A intensidade dos **FURACÕES** no golfo do México provavelmente aumentará

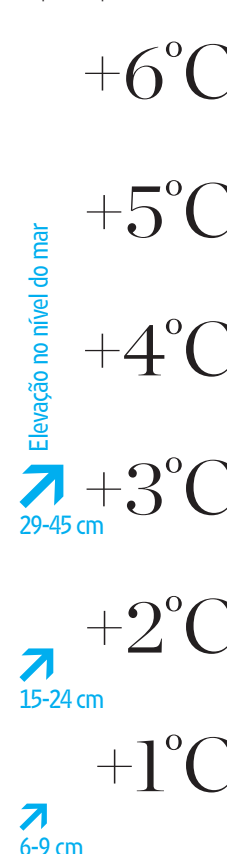
>> No Canadá pode haver aumento em centenas de quilômetros da faixa de terras apropriada à **AGRICULTURA** e à extração de madeira. O mesmo fenômeno deve ocorrer na Sibéria

GELEIRAS EM EXTINÇÃO

>> Nos próximos 15 anos, as geleiras dos **ANDES** tropicais muito provavelmente desaparecerão, reduzindo a água disponível para a geração hidrelétrica na Bolívia, no Peru, na Colômbia e no Equador

A CRISE CLIMÁTICA, GRAU A GRAU

Aumento na temperatura do globo, em relação à era pré-industrial, e seus impactos por setor



ÁGUA

Até um quinto da população mundial afetada por **enchentes**

1,1 a 3,2 bilhões de pessoas com escassez de água

Menos água e mais secas em latitudes intermediárias e em zonas semiáridas em baixas latitudes

1 a 2 bilhões de pessoas com escassez de água

0,4 a 1,7 bilhões de pessoas com escassez de água